

DROGA

POLÍCIA APREENDE 14 QUI-
LOS DE COCAÍNA E 30 DE
MERLA NA BR-060

2

PERFIL

É JOVEM, HOMEM E PEDESTRE
A MAIORIA DOS MORTOS NO
TRÂNSITO DO DF

3

CIDADES

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, terça-feira, 16 de novembro de 1999

CENTENAS DE PIAUS, CARÁS, TILÁPIAS, PIABAS ESTÃO MORRENDO NO RIBEIRÃO CONTAGEM

Nehil Hamilton



O fazendeiro Veridiano de Melo Reis, presidente da Associação dos Pequenos Agricultores do Sonhên, viu mortandade como essa acontecer há dois anos, também no período de chuva e num feriadão

A MORTE DOS PEIXES

Newton Araújo Jr.
Da equipe do *Correio*

Parece que não há mais oxigênio no Ribeirão Contagem. Asfixiados, os peixes sobem à superfície para respirar. Ficam feitos loucos rodopiando dentro do ribeirão que não lhes dá mais vida. E morrem, aos montes. São pias amarelos e de três pintas, cachorras, carás, tilápias, piabas, caris, traíras, curimatãs, pacus e até piranhas. E outros que a correnteza não permite identificar. Todos mortos. Centenas deles.

O desastre ecológico acontece a 40km do centro de Brasília, na região do Queima-Lençóis, a poucos quilômetros da DF-205. A região inteira está encravada na Área de Proteção Ambiental (APA) do Cafuringa. Produtores rurais que têm fazendas às margens do Ribeirão Contagem acreditam que uma grande quantidade de material tóxico tenha sido derramada no curso d'água.

O Ribeirão Contagem é um tributário do Rio Maranhão, que, por sua vez, vai desaguar no Rio Tocantins. O Contagem e o Maranhão são reservas de água potável, mantidas pela Caesb como possíveis fontes para o futuro abastecimento do

Distrito Federal. Às suas margens, foram assentadas pelo governo federal 43 famílias de sem-terra. Essas famílias usam as águas do ribeirão no dia-a-dia. Águas agora contaminadas ainda não se sabe com o quê.

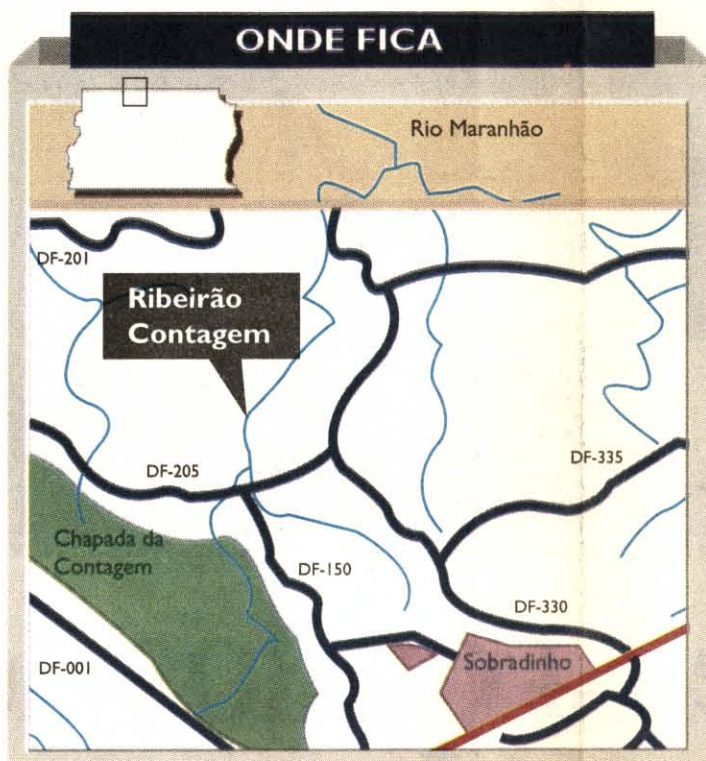
A poluição que atinge o ribeirão e deixa as águas com o cheiro ácido de amônia desequilibra de imediato os pequenos produtores rurais que o utilizam para a criação de gado e a agricultura de subsistência. Gente que mora às suas margens há décadas e aprendeu a conservá-lo limpo, pois já têm noções claras dos perigos da poluição ambiental.

Os agricultores e criadores tentaram de todas as maneiras denunciar a mortandade absurda de peixes, verificada no domingo pela manhã. Mas não conseguiram contato com a Delegacia de Meio Ambiente (Dema), a Secretaria do Meio Ambiente (Sematec) ou a Polícia Militar Florestal (PM-Flor). Por mais que tentassem.

A Polícia Militar Florestal alegou que não tinha viaturas para ir ao local e coletar amostras de peixes e das águas contaminadas. O fazendeiro José Arnaldo Figueiredo, dono da Fazenda Sete Lagoas, se ofereceu para ir buscar os policiais e levá-los até o ribeirão, para que a PM constata-se o crime ambiental. Está esperando a resposta até hoje.

O comandante da PM-Flor, major Alexandre Corrêa, reconhece a falta de viaturas para a realização do trabalho dos policiais. Mas admite que os policiais deveriam ter se prontificado a irem ao local em companhia do fazendeiro que se ofereceu para levá-los até o ribeirão. "Vamos apurar o que de fato aconteceu", promete o major.

No final da tarde de ontem,



uma equipe do Pelotão Lacustre, da Polícia Florestal do Distrito Federal, foi até o Ribeirão Contagem para avaliar a denúncia da matança de peixes por contaminação das águas do córrego.

O tenente Aristóteles Rodrigues Cardoso garantiu que a corporação vai encaminhar, ainda hoje, o caso à Delegacia do Meio Ambiente (Dema). "Vamos solicitar perícia para saber as causas da contaminação e quem a está provocando", disse, sem precisar em quanto tempo o resultado do exame estará pronto. "As leis ambientais prevêem penas que vão de notificação, multas e até cinco anos de prisão para quem comete este tipo de crime. Mas tudo vai depender do resultado da perícia."

O fazendeiro tentou registrar a ocorrência na 13ª Delegacia de Polícia de Sobradinho. "O dele-

gado de plantão me informou que poderia registrar a ocorrência, mas não teria competência técnica para colher as amostras dos peixes e das águas", conta José Arnaldo. "Disse ainda que os fatos só seriam enviados à Dema na quarta-feira", explica o fazendeiro.

CRIME RECORRENTE

Essa mesma mortandade de peixes foi registrada há dois anos. E exatamente no período de chuvas e num fim de semana prolongado, como esse passado. "As chuvas acabam levando o material tóxico e não deixam as marcas do crime. E no fim de semana não há como registrar a ocorrência", explica e lamenta a situação o fazendeiro Veridiano de Melo Reis, 42 anos, dono da Fazenda Centro Oeste e presidente da Associação dos Pequenos

Agricultores do Sonhên.

Veridiano se surpreende com a quantidade e diversidade de peixes encontrados mortos no ribeirão. Peixes que ele nem pensava mais que existiam no curso d'água há mais de três anos. Nessa época, o rio foi considerado morto devido ao derrame de resíduos tóxicos feitos pelo frigorífico Fibril que, segundo o fazendeiro, foi fechado pelos órgãos ambientais. O frigorífico reabriu com novos nome e dono. Mas não parece ser ele a causa da poluição.

"Verificamos que não há peixes mortos no trecho entre o frigorífico e as fábricas de cimento", diz o fazendeiro José Arnaldo. Sem denunciar especificamente ninguém, os moradores da região não conseguem deixar de suspeitar das fábricas de cimento Ciplan e Tocantins e também das mineradoras de cascalho Sarkis, Contagem e Engexpl.

Nas mineradoras não havia quem respondesse por elas no feriado. Na Ciplan — que fornece 180 empregos diretos e produz cerca de 2.000 toneladas de cimento por dia —, o diretor José Eduardo Ferreira diz que a fábrica não joga nenhum resíduo líquido no ribeirão. É a mesma afirmação do diretor Dalmo Correia, da Fábrica de Cimento Tocantins, que dá emprego direto a 250 pessoas e produz cerca de 3.000 toneladas de cimento por dia.

As duas fábricas produzem resíduos tóxicos para o meio ambiente. São partículas soltas no ar. E para resolver essa questão (e outras pendentes), aprovaram em setembro último o Estudo e Relatório de Impacto Ambiental (EIA-Rima) na Sematec, com direito a audiência pública e tudo o mais a que têm direito.

"O Plano Diretor de Águas Pluviais já foi aprovado e estamos nos preparando para realizar as obras que impedirão que os resíduos sólidos não sejam carreados para os rios e provoquem assoreamento", conta o diretor da Ciplan, José Eduardo Ferreira.

Ele reconhece que a região inspira cuidados. "Estamos em contato permanente com a Sematec e dispostos a trabalhar para melhorar as condições da área", diz Ferreira. Lembra que a população ribeirinha joga lixo nas margens do ribeirão. Essa é uma hipótese também levantada pelos produtores que fizeram a denúncia.

Em 1997, cinco vacas do fazendeiro José Arnaldo Figueiredo morreram intoxicadas. José Arnaldo mandou as vísceras dos animais para serem examinadas no Instituto Biológico de São Paulo, ligado à Secretaria de Agricultura e Abastecimento daquele estado. "Segundo o laudo, foram constatadas 'lesões sugestivas de processo tóxico'", conta Arnaldo. "Pode ter sido devido ao tóxico carbamato, aparentemente utilizado como inseticida", diz o produtor. O que pode levar a agricultores que utilizem o produto na área.

Somente exames técnicos isentos poderão dizer o que de fato aconteceu no Ribeirão Contagem neste fim de semana. Previdentes, os produtores guardaram amostras dos peixes e das águas para posterior exame.

O mais irônico (e triste) nessa história toda é que os peixes subiram a correnteza, vindos de outros rios, em busca das águas rasas e quentes do Ribeirão Contagem para a desova. Essa é a época de reprodução. Em vez de um espaço para a celebração da vida, encontraram a morte.